

DESAFIANDO A IMAGEM MILENAR DA ENFERMAGEM PERANTE ADOLESCENTES PELA INTERNET: IMPACTO SOBRE SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS¹

Lígia Fahl Fonseca*
Maria Júlia Paes da Silva***

RESUMO

Este estudo teve por objetivo avaliar se a exploração de um *website* influenciaria as representações sociais de adolescentes sobre a Enfermagem. Este é um estudo exploratório qualitativo tipo *survey*, que utiliza a teoria das Representações Sociais (RS) como marco teórico em três fases: análise das RS por alunos de Ensino Médio; elaboração e construção de um *site*, explorando-se os campos de atuação do enfermeiro; análise das RS de alunos após navegação no *site*. Na Fase I, os adolescentes associam enfermeiros com auxiliares de médico, tendo o hospital como único campo de atuação. Na Fase II, 89 enfermeiros foram mostrados em um *site* denominado DESCUBRAENFERMAGEM! (www.expertu.com.br/ligia) por meio de fotos e depoimentos, divididos em sete grandes categorias. Na Fase III, no momento "Agora", associam-se os enfermeiros com a imagem do médico, "desempenhando papel de médicos", prescrevendo e coordenando, e a Enfermagem, com uma profissão autônoma. Associam-se ações como coordenação, avaliação clínica, diagnóstico e intervenções de enfermagem com atributos de independência e conhecimento. Surpreende-se ao saber que enfermeiros fazem consultas e trabalham independentemente. A comunicação de uma nova imagem sobre o enfermeiro, baseada em descrições de seu trabalho pela internet como mediação, afetou as RS dos adolescentes.

Palavras-chave: Comunicação. Internet. Adolescentes. Enfermagem.

INTRODUÇÃO

Em um mundo de mudanças frenéticas, incorporações tecnológicas na comunicação e no cuidado à saúde, em meio ao surgimento de novas formas de adoecer socialmente - condicionadas ao aumento da população portadora de patologias crônicas e debilitantes e à tendência de inversão da pirâmide populacional -, o cuidado torna-se cada dia mais essencial.

Há, no entanto, um quadro de descompasso entre as grandes potencialidades de atuação da Enfermagem e sua atratividade como mercado de trabalho, sobretudo entre os jovens. Isso não se restringe a um país ou a uma língua, uma vez que as consequências de um corpo de Enfermagem, subestimado em número e qualificação, podem interferir na qualidade de assistência e de vida de uma população.

No Brasil são desiguais a realidade de acesso à educação e saúde assim como a distribuição de

recursos. A prática profissional da Enfermagem dentro desse contexto está ainda muito distante de um ideal em que o enfermeiro assume o caráter de um profissional liberal, que atua de maneira independente e interdependente dentro da equipe de saúde, utilizando-se de um corpo de conhecimentos próprios. Observam-se, porém, a despeito de forças contrárias, mudanças e avanços importantes no cenário da Enfermagem mundial e da brasileira, com um crescente número de campos de atuação e desempenho de novos papéis relacionados ao cuidado.

A imagem do enfermeiro e da Enfermagem perante a sociedade é constituída histórica e socialmente, o que leva a uma reflexão sobre a realidade de um modelo de assistência ainda biologicista, hospitalocêntrico e de hegemonia médica. Essa imagem tem uma significação explicitada pelas representações sociais:

Entendemos por imagem profissional uma rede de representações sociais da Enfermagem que, através de um conjunto de conceitos, afirmações e explicações, reproduz e é reproduzida pelas

1 Artigo originado da tese de doutorado em Enfermagem: "Dando visibilidade à atuação do enfermeiro pela internet: um estudo de sua influência sobre as representações sociais do adolescente", Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 2007

* Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professor Adjunto Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: ligiafahl@gmail.com

** Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professor Titular Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. E-mail: juliaps@usp.br

ideologias originadas no cotidiano das práticas sociais, internas/externas a ela. A imagem profissional remete-nos à própria identidade profissional, em sua intrincada rede de significados que se pretendem exclusivos e, portanto, inerentes àquela profissão. A imagem profissional se consubstancia, assim, na própria representação da identidade profissional^(1: 34).

A Representação Social (RS) é uma teoria da Psicologia Social, proposta por Serge Moscovici⁽²⁾ e escolhida como referencial teórico para este estudo. As RS, em sua riqueza como fenômeno, possuem diversos elementos em sua constituição: informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens. A representação elaborada por um grupo normalmente define objetivos e procedimentos específicos para seus membros. É um modo de pensamento sempre ligado à ação, à conduta individual e coletiva^(3,4).

Dentro da formação dos fenômenos representativos, ressalta-se a importância fundamental da comunicação, por ser, primariamente, o vetor de transmissão da linguagem portadora em si mesma de representações. Em segundo lugar, afeta os aspectos estruturais e formais do pensamento social, por envolver processos de interação social, influência, consenso ou dissenso e polêmica. Em terceiro lugar, a comunicação contribui para a construção de representações que atingem a vida prática e afetiva dos grupos. A força com que as representações estabelecem versões da realidade – comuns e partilhadas – é explicada pelo poder das palavras e discursos e pela pertinência social dos grupos. Dessa forma, a comunicação social, sob aspectos interindividuais, institucionais e midiáticos, apresenta-se como possibilidade de determinação das representações e do pensamento social⁽⁴⁾.

Avaliações de representações da Enfermagem no mundo e, sobretudo, no Brasil denunciam uma representação desatualizada, depreciadora e estereotipada da Enfermagem, particularmente entre os adolescentes, que desconhecem a profissão e suas potencialidades⁽⁵⁻¹⁰⁾. Na sociedade, historicamente androgênica, também circulam entre os adolescentes os estereótipos relacionados à Enfermagem e a ideia do poder hegemônico e não desafiado da medicina.

A imagem tem relação direta com a procura por determinada profissão. Mesmo imerso numa

era tecnológica, de compressão de tempo e espaço, o jovem adolescente vê-se confrontado com inúmeras dúvidas e desinformação sobre escolhas profissionais. A perspectiva de alunos sobre a Enfermagem é marcada pelo total desconhecimento das possibilidades da profissão, e os alunos têm uma percepção fortemente marcada por experiências hospitalares como marco referencial para a atuação do enfermeiro^(8,11).

A Enfermagem tem utilizado pouco e mal os meios de comunicação para elucidar a comunidade científica e a população em geral sobre suas competências e seu papel na sociedade. Pesquisas no Brasil e no mundo retratam a “invisibilidade” do profissional em relação a seus clientes. Os movimentos para ser divulgado o papel ocupado e desempenhado pelo enfermeiro no Brasil ainda são tímidos e pontuais. Buresh e Gordon⁽⁵⁾ alertam para o fato de que, por tempo excessivamente prolongado, os enfermeiros fizeram silêncio, mas devem utilizar todos os meios de comunicação para que a voz da profissão seja ouvida.

Jodelet⁽⁴⁾ afirma que crenças arcaicas presentes em representações ocorrem parcialmente por falta de informação. Reforça ainda o conceito de que os processos de influência e até mesmo de manipulação social por meio das redes de comunicação informais ou da mídia tornam-se fatores determinantes na construção representativa.

Em um mundo revolucionado pelas comunicações, em que tempo e espaço recebem novos significados e as possibilidades de troca ainda não foram esgotadas, a internet se apresenta como uma mediação importante para a busca da construção da imagem do enfermeiro na sociedade. Ela tem o potencial de introduzir novos elementos de informação e novas formas de interconexão, comprimindo drasticamente Geografia e História, inserindo em tempo real “o que acontece, onde acontece, o que podemos ver, o que não podemos ver”, de forma contínua e interativa⁽¹²⁾.

Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa foi aprofundar o olhar sobre a representação da imagem profissional que alunos do Ensino Médio possuem sobre o enfermeiro e a Enfermagem depois de entrar em contato, mediado pela internet, com a exposição de

registros reais sobre a área, que enfocam a crescente gama de possibilidades de atuação profissional do enfermeiro, assim como seu papel na promoção da saúde e prevenção à doença do ser humano, na família e comunidade.

METODOLOGIA

Trata-se de estudo tipo *survey* exploratório com abordagem qualitativa. O estudo ocorreu em três etapas: Fase I - apreensão das representações sociais de alunos do Ensino Médio; Fase II - desenvolvimento do *site*, baseado em situações reais que evidenciam os campos de atuação do enfermeiro e os papéis que ele desempenha no Brasil hoje; Fase III - nova apreensão das representações depois de os alunos utilizarem o *site*.

A população do estudo constituiu-se de alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola da rede privada de ensino no Norte do Paraná. Os critérios de inclusão foram: possuírem interesse em seguir carreira pela área da saúde e terem estudado, juntos, desde o primeiro ano do Ensino Médio, tendo sido expostos a informações e experiências semelhantes⁽¹³⁾.

Os aspectos éticos foram contemplados em todas as etapas da pesquisa, por meio da aprovação do Comitê Ética em Pesquisa do HURNP, sob o número 247/05, da autorização da direção do colégio escolhido para as Fases I e III, da obtenção de consentimento livre e esclarecido de pais e alunos nas Fases I e III, da assinatura de consentimento e esclarecido de enfermeiros e figurantes na fase de construção do *site*.

Realizou-se a coleta de dados nas Fases I e III por entrevistas gravadas que visaram explorar as representações comportamentais, atitudinais e cognitivas que o aluno de Ensino Médio tem do enfermeiro. O referencial metodológico escolhido para a análise dos dados foi o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)⁽¹³⁾.

Para a Fase II, fixou-se como objetivo principal a elaboração de um *site* que, partindo de depoimentos de profissionais reais, expusesse ao adolescente uma amostra expandida dos campos de atuação do enfermeiro atualmente, no Brasil. O projeto para desenvolvimento do *site* recebeu auxílio da Agência de Fomento do

Estado de São Paulo (FAPESP) e as etapas da construção daquele foram:

Em relação ao conteúdo: Mapeamento dos campos de atuação do enfermeiro junto a especialistas das áreas; obtenção de subsídios e adesão de alunos bolsistas; identificação, contato e obtenção da adesão dos profissionais; agendamento e obtenção de fotos e depoimentos dos enfermeiros em ação; edição e validação dos textos dos autores; elaboração de lista de associações de classe a que cada enfermeiro poderia se associar dentro de sua especialidade; elaboração de códigos de inter-relacionamento entre os profissionais.

Em relação ao layout e à configuração: Definição do *layout* e fluxograma das páginas; desenvolvimento de cenários; realização de fotos dos apresentadores; desenvolvimento de sala de *chat*; definição inter-relacionamento entre profissionais; checagem, correção e revisão da navegabilidade; configuração final e hospedagem e a realização de teste-piloto.

O *site* denominado DESCUBRAENFERMAGEM! foi hospedado em dois provedores: www.expertu.com.br/ligia e www.ee.usp.br/pos/descubraenfermagem/, ficando subdividido em sete grandes campos: Saúde Coletiva, Alta Gestão, Áreas em Expansão, Clínicas e Ambulatórios, Hospitalar, Educação e Empresarial, subdivididos em 89 áreas.

Para a coleta de dados da Fase III, alunos do terceiro ano foram orientados a acessar o *site* durante três semanas. As entrevistas foram novamente gravadas, transcritas e analisadas por meio da técnica de DSC.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em razão da limitação de espaço, apresentar-se-á uma síntese dos resultados das representações dos alunos na Fase I e discutir-se-ão os discursos encontrados na Fase III.

Resultados da Fase I

Dos 105 alunos que estudavam no terceiro ano, 19 foram voluntários para participar da pesquisa, dos quais cinco eram do sexo masculino e 13, do sexo feminino. A faixa etária variou de 16 a 19 anos.

Feita a análise dos discursos, identificaram-se duas grandes categorias: Atributos do

Enfermeiro e Atributos da Profissão de Enfermagem. O enfermeiro é associado à pessoa com qualidades valorosas, que faz vigilância diuturna. Possui características de sacrifício, humildade, “pouco ego” e não pode ter o dinheiro como motivação para o trabalho. A profissão de Enfermagem é bonita porque ajuda e salva vidas e, ao mesmo tempo, é um trabalho difícil, pesado, não valorizado. O enfermeiro é identificado como auxiliar do médico, subalterno e obediente ao médico. A Enfermagem é associada com profissão do gênero feminino, delicada e complemento para outras áreas da saúde, sem opção de remuneração. Seu campo de atuação é primária e centralmente em hospitais e clínicas. Os resultados da Fase I da pesquisa indicam um não rompimento com representações históricas e distanciadas dos movimentos principais de profissionalização da Enfermagem.

Resultados da Fase III

Dos 85 alunos do terceiro ano do Ensino Médio no grupo da Fase III, dez foram voluntários para participar da pesquisa, sendo três do sexo masculino e sete do feminino. A faixa etária variou de 16 a 18 anos.

Após análise dos discursos, três grandes temas emergiram: Atributos do enfermeiro, Atributos da Enfermagem, em que foram identificadas algumas representações encontradas na Fase I: pessoa com qualidades de coragem, que tem atuação hospitalar, permanece ao lado do paciente; calma e paciente. Na terceira categoria, surge a imagem desafiada do enfermeiro: o ANTES e o AGORA. A fala dos adolescentes denunciava uma *confrontação constante* com as percepções que possuíam no que denominaram de “antes” com as que foram confrontadas no “agora” (após a navegação pelo site), como demonstrado nos discursos a seguir.

“Antes”

Acho que a gente tem uma imagem errada, né? A gente tem uma imagem limitada dos enfermeiros [...] A gente acha que eles estão todos no hospital, na clínica ali, ajudando o médico, e não é bem isso! Pra mim, enfermeira era aquela pessoa que carrega a tesoura e dá para o médico, aquele que entrega o pratinho, que dá a gaze [...] sabe? [...] Antes eu achava que, sei lá, achava que quase não tinha importância [...] A ideia que eu tinha antes

era que [...] ele ajudava assim [...] na cirurgia, ajudava na recuperação de um paciente [...] mudou muito a minha visão da Enfermagem, porque a minha visão era aquela do enfermeiro auxiliando o médico, era aquela visão restrita, só auxiliando médico no que ele pedir [...] achava isso, né? (Risos), mas eu não acho mais [...] eles também fazem o papel de médico [...] Antes eu tinha a imagem assim, de uma mulherzinha assim, com um chapeuzinho [...] (Risos) Antes eu achava que o médico falava pra ele fazer as coisas e ele ia lá e fazia [...] e agora eu vi que não tem nada a ver! (M4, F7, F8, M10)

No momento “antes”, a atividade valorosa de ajuda, de compreensão mescla-se com a imagem de bondade, abnegação, doação, negação do ego, pouca remuneração, desempenho de atividades de menor valia. Além disso, a “atividade hospitalar” é uma ideia central, constante nas representações, forte e presente nos discursos, tanto na identificação de campo de atuação como na definição de suas ações e papéis.

Chama a atenção uma característica muito valorizada pelo adolescente: a de que o enfermeiro necessita ter “calma” para o desenvolvimento de suas ações^(14,15). Essa associação do adolescente com qualidades de docilidade denota uma visão androgênica e refere-se à construção milenar cristalizada de um olhar masculino sobre a ciência, as ideologias, a política, a filosofia, a psicologia, a comunicação, entre tantos outros campos, tornando-se muito difícil atuar nessas esferas sem sofrer influência desse olhar. Reforça-se, assim, o contexto social dessa representação dos adolescentes.

A ênfase dada nas escolas preparatórias para o vestibular e a pressão dos pares e pais para escolher profissões que lhe confirmem *status* e reconhecimento social são grandes. Dessa forma, quando se estuda uma representação, deve-se observar que ela articula elementos afetivos, mentais e sociais e incorpora, além da cognição, da linguagem e da comunicação, as relações sociais que afetam as representações e a realidade social, material das ideias nas quais intervirão⁽⁴⁾.

Em uma era em que as trocas de informações e os desafios profissionais se dão em velocidade progressiva e as possibilidades de negociação num mundo globalizado são exponenciais, essa caracterização, associada às características benevolentes (cuidadora, próxima do paciente,

calorosa e cuja remuneração não pode ser elemento motivador, sempre em conexão com o tratamento da doença, nunca com a prevenção e promoção da saúde), identificadas nos discursos iniciais, torna a Enfermagem uma profissão insípida, sem atrativos, sem desafios aos olhos do adolescente⁽⁶⁾. Esse quadro atesta uma inquietante invisibilidade.

A tecnologia do cuidado e o valor da vida — o primeiro como expressão objetiva do fazer; o segundo, como sustentação moral do trabalho do enfermeiro⁽¹⁶⁾ — ficam ofuscados na percepção do adolescente quando confrontados com o papel notoriamente cheio de significados de poder, de salvamento de vida, representado pelo médico⁽¹⁷⁾:

Parece-nos que a representação construída em torno do curar, do afastar a doença, ambos considerados, nos tempos modernos, como atividades médicas, é de permanência simbólica muito mais significativa do que aquela construída em torno do cuidar do corpo doente ou sadio, atividade mais identificada à mulher e à enfermeira. A cura é um ato impregnado de mitos e simbologias, enquanto que o cuidado é entendido como um ato banal e repetitivo do cotidiano feminino^(17:28).

Quando o adolescente retrata o enfermeiro como “auxiliar de médico”, nada mais faz que expressar uma posição histórica e social do enfermeiro como profissional, da posição da mulher e da codificação dada à Enfermagem pela literatura, cinema, rádio e televisão ao longo de décadas. Mais importante ainda é que retrata também um posicionamento de não resistência e de passividade diante de papéis culturais conferidos à enfermagem^(14,17).

Nossa! Eu achava que enfermeiro era só hospital, auxiliando o paciente e o médico [...] Acho que eu tinha aquela imagem mesmo de enfermeiro no hospital, cuidando do paciente, acho que era essa a imagem que eu tinha [...] (F1).

Os meios de comunicação em massa têm tradicionalmente representado o enfermeiro, ou a enfermeira, por meio de personagens em situações que enfatizam “as relações de dominação-subordinação dentro do sistema hospitalar ou assistencial”^(14,18). Nota-se que essas representações, mesmo que caricatas ou estereotipadas, acontecem invariavelmente no

cenário hospitalar, ilustradas pelo discurso a seguir:

Acho que essa imagem de eles trabalhando assim, ágeis, vem da TV, porque assim [...] a gente vê aqueles seriados, aquele “plantão médico”, que a gente via aqueles enfermeiros, do médico passando, eles vindo, checando batimento cardíaco, soro, levando exame pra checar plaqueta, tal, acho que na TV mostra uma pessoa que é subordinada do médico, que vai auxiliar ele em tudo o que ele vai precisar! (M10)

A mídia é identificada como o fator determinante na formação da imagem do enfermeiro entre adolescentes^(6,7,10,14,19,20). As representações circulam e transformam-se por vários canais de comunicação: pelas relações pessoais entre os atores sociais e pela mídia. A mídia ocupa, em determinadas situações, o lugar das relações sociais diretas e transmite representações por meio das mensagens que difunde.

O profissional de comunicação, como decodificador e intermediário de códigos partilhados pela sociedade, também desconhece o papel do enfermeiro, conforme retratado no seguinte DSC de um grupo de profissionais de comunicação⁽⁸⁾:

(A mídia retrata o enfermeiro) Como um auxiliar do médico. Os meios de comunicação abordam o enfermeiro e a Enfermagem de uma maneira geral, cometendo o mesmo equívoco do senso comum [...] Porque eu não sei exatamente o que faz o enfermeiro [...] Eu até neste momento desconheço. Acho que a imprensa e os veículos de comunicação, de uma maneira geral, também fazem esta confusão, porque para você ser técnico ou auxiliar não precisa de nível superior. Então o cara [profissional de comunicação] quer aquela enfermeira mesmo, com aquela coisinha enchendo a cabeça com o troço que ninguém usa [...] mas o cara quer aquilo de repente [para usar na propaganda]. (IC15, DSC1)

Sem iniciativas formais para intencionalmente se introduzir nos meios de comunicação uma imagem mais profissional do enfermeiro e da Enfermagem no Brasil, torna-se difícil estabelecer um contraponto a essa avalanche de informações à qual a sociedade (e o adolescente nela inserido) está sujeita.

“Agora”

As RS, como fenômenos também cognitivos, englobam o pertencimento social dos indivíduos, contemplados seus afetos e normas, e também a interiorização de experiências práticas, modelos de condutas e pensamento socialmente impressos ou transmitidos pela comunicação social⁽⁴⁾. Por ser o produto da interação do sujeito com o objeto, que se enfrentam, modificando-se mutuamente sem cessar, sempre haverá uma parte de atividade de construção e reconstrução da representação.

Diante da nova realidade a que os alunos foram expostos nesta fase do estudo (variados campos e diversos papéis de atuação do enfermeiro mediados pelo *site*), sua representação anterior foi desafiada e puderam ser identificados movimentos de construção e reconstrução como no discurso a seguir:

Eu imaginava que o enfermeiro sabia as coisas assim, mas mais por cima, não tão profundamente [...] que nem o médico, mas que também se assemelha muito à Medicina [...] à Enfermagem [...]. (M4)

Esses movimentos de acomodação são percebidos nos discursos dos alunos, introduzindo em seu referencial informações que antes não faziam parte de seu repertório, ao se referirem repetidas vezes e de forma recorrente ao “antes” e ao “agora”.

Fica evidente a dinamicidade na acomodação de uma nova representação, à medida que o adolescente discute consigo mesmo durante a tentativa de elaborar uma nova imagem do enfermeiro e faz uma objetificação da nova imagem com que se confrontou com a de “um médico”, ou seja, um “padrão-ouro” estabelecido milenarmente, que traz consigo significado de saber e poder.

Ahm [...] a imagem de um médico [...] não um médico, alguém envolvido com a saúde [...] Agora deu uma clareada mais, né? [...] não sei explicar direito, mas deu uma clareada do que eles fazem! Além de ser enfermeiro, ajudar, eles coordenam, eles fazem papel de médico [...]. (M4)

Identifica-se aqui um aspecto do estatuto epistemológico da representação, ressaltado seu caráter prático, orientado para a ação. Por ser a representação uma reconstrução do objeto, ao se comparar o enfermeiro com o médico e por não se compreender a diferenciação entre o objeto de

sua “consulta” e “diagnóstico”, encontra-se assim uma defasagem em relação ao seu referente⁽⁴⁾.

Em relação à Enfermagem, os adolescentes identificam mudanças: pode ser uma profissão independente, e descrevem que houve uma “ampliação” na imagem que possuíam:

H1- O *site* mostrou uma realidade que a gente não tem conhecimento [...] a gente acha que está doente, chama o enfermeiro [...] elas mostravam o que elas fazem, mais específico que elas fazem [...] que eu não sabia [...] Para mim, o enfermeiro era, no hospital [...] Ah [...] está com febre, acende a luzinha e chama o enfermeiro [...] Daí, conforme você vai vendo, você vai vendo que não é nada disso! Que não! Vai muito mais além, né? Além do que a gente acredita, que eu pensava que era uma coisa básica, né? Não é só ajudar o paciente e tudo, mas não, ele pode exercer, assim como eu posso exercer a minha profissão independente de psicólogo, entendeu? Então eu falei “Nossa! Muito legal!”. (M10, F3)

Algumas mudanças importantes ocorreram na Enfermagem nas últimas décadas, que ampliaram seu espectro de ação. Como o contato dos adolescentes com a Enfermagem advém principalmente de circunstâncias de hospitalização de familiares e por meio da mídia — que perpetua a imagem hospitalocêntrica e centrada no médico —, essas mudanças, ainda que tímidas e insuficientes para muitos, não foram percebidas pelos adolescentes em seus contatos com a saúde e doença:

Daí eu vi lá no *site* que é bem maior do que eu imaginava [...] assim [...] têm várias áreas de escola, essas coisas assim [...] Enfermagem particular, que eles comandam hospitais [...] com administração de hospitais, assim, de setores [...] Teve um monte de coisa que foi novidade assim, tipo, diretora comercial de um hospital, tipo, eu não imaginava que fosse uma enfermeira! Eu pensei que fosse alguém especializado em administração [...] que tivesse feito um curso ali pra ser administrador de um hospital [...] essas coisas assim que eu me surpreendi, assim [...]. (M4, F8)

A reinterpretação sobre o papel do enfermeiro fica aparente nos discursos a seguir, por meio da verbalização da surpresa diante da participação do enfermeiro no cuidado à saúde, novamente tecendo comparações com a figura autônoma e com poder decisório do médico,

resultados encontrados também em outros estudos^(6,20).

Ah [...] faz atendimento, faz pesquisas [...] é [...] Pode tanto coordenar como também participar das pesquisas com mais alguém. Aí [...] é [...] eu achei superbacana isso, super! Super! Nunca [...] não pensei [...] não pensei que o enfermeiro pudesse fazer isso [...] eu gosto de pesquisa e eu vi aquela enfermeira que coordena pesquisa de câncer [...] eu não sabia que enfermeira podia fazer isso (F1, F7).

Uma nova representação circula com certa intensidade entre esse grupo de alunos, reforçando o pensamento de Moscovici⁽²⁾ de que,

“quando em confronto com uma concepção generalizada, o senso comum não é menos vulnerável à mudança contínua pelos processos sociais e comunicativos do que qualquer outro tipo de conhecimento ou crença”^(2:354)

Novamente a comparação, a associação da nova imagem do que o enfermeiro faz com o que o médico faz, atribuindo àquele a mesma importância:

Ah! No *site* tinha uma mulher que tinha uma clínica assim, né? Eu até nunca tinha visto isso, eu achei que clínica era só de médico! Que não tinha clínica de enfermeiro! Ah, eu achei interessante, né? Porque normalmente a gente pensa que o enfermeiro é só um ajudante [...] Mas o enfermeiro também faz consulta, que eu li que a enfermeira falou lá no *site*! [Ênfase] Tem aquela moça que trabalha com estomia [...] bom, ela trabalha meio como médica, né? Ali [...] Porque ela é que vê, que consulta assim as pessoas [...] Eu não sabia que enfermeiro podia fazer consulta! Pensei que fosse mais pro médico [...] daí passava pro enfermeiro [...] achei bacana isso, bem legal, interessante [...] e a gente pensa que é o médico assim que coordena, mas dá pra ver que o enfermeiro tem assim um papel de destaque! Assim, de ele mesmo estar passando pro paciente, sem assim a intervenção de um médico [...] Do mesmo jeito que em uma clínica, assim, pro médico [...] Porque tem clínica que é só de enfermeiro, né? Eu não sabia disso [...]. (F2, F5, F8)

Ressalta-se o papel da mídia nesse processo de circulação e popularização do conhecimento entre os adolescentes. Seu impacto potencializa-se pelas inúmeras tecnologias, num mundo globalizado, em um processo de produção,

reprodução e universalização cultural cada vez mais intenso. Moscovici⁽²⁾ afirma que a comunicação midiática intervém em três níveis nas representações e que uma delas é a dimensão relacionada à edificação da conduta: opinião, atitude e estereótipo, pois “a ação e a comunicação são seu berço e chão: delas provém e a elas retorna a representação social”^(3:142).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação à cultura, discutiu-se que os adolescentes vivem em um mundo onde ainda hoje os valores da sociedade são androgênicos, os papéis associados às características masculinas são valorizados e o modelo do saber e do poder é representado pelo médico. No momento de escolha profissional, e pressionados por uma barreira real que é a dificuldade de entrada na universidade, são encorajados por pares, familiares, professores a buscar carreiras que representam *status* e associações de poder e sucesso, sofrendo, assim, a influência de sua inscrição social e pertença grupal na construção de sua representação. Dessa forma, a linguagem, por meio da comunicação interpessoal, institucional e, sobretudo, as midiáticas, participa nessa produção da imagem do enfermeiro.

Na Fase III da pesquisa, as categorias “Antes” e “Agora” demonstram movimentos de acomodação de uma nova representação do enfermeiro, incorporando em seu discurso a avaliação de novos papéis com atributos de independência e conhecimento associados anteriormente ao médico, assim como novas áreas de atuação, antes desconhecidas, se apresentam como opções viáveis.

O ineditismo desta pesquisa ocorre por três fatores principais. Em primeiro lugar, pelos registros em textos e imagens, pela realização de uma construção “fotográfica” de um recorte (ainda que restrito e limitado), baseado exclusivamente em depoimentos de profissionais que hoje ocupam campos e papéis no cuidado à saúde no Brasil. Em segundo lugar, por haver dado alguma visibilidade a uma Enfermagem em transformação, por meio de uma mediação que tem revolucionado o modo pelo qual as pessoas se relacionam com o mundo, com imensa penetração e aceitação entre os adolescentes,

oferecendo possibilidades de mudanças nessa construção à medida que a própria Enfermagem se transforme. Em terceiro lugar, por ter-se proposto a confrontar o adolescente com essa dobra no tempo e no espaço, comprimindo a história e apresentando-o a uma Enfermagem em transformação que ele não conhecia.

Acredita-se que este estudo trouxe contribuições de como um meio interativo de comunicação em massa, a internet, incidiu sobre a difusão (formação de opinião) de um grupo de adolescentes que cursavam o último ano do Ensino Médio. Outros estudos, entretanto, são necessários na avaliação e aprofundamento sobre sua influência relacionada à propagação e à propaganda dessa representação, assim como seu inter-relacionamento com o funcionamento do sistema social, dos grupos e das interações, uma

vez que afetam a gênese, a estrutura e a evolução das representações.

Semelhantemente, é necessário que se examine com maior profundidade a influência que os novos meios de comunicação têm e terão ainda mais sobre os estereótipos e imagens cristalizadas sobre a Enfermagem por antigos modos de propagação de comunicação. São esses novos meios, com sua evolução em progressão geométrica, mensurada não mais em décadas, mas em frações de tempo, em *microbytes*, em que a imagem, o som e a interatividade não pagam alfândega e não necessitam de passaporte, em que as culturas se tornam híbridas, com uma potencialidade de penetração, interação e compressão de tempo e espaço, formando uma sociedade em rede da qual, sabe-se, ainda não há modelos apropriados para se desvelar e antever.

CHALLENGING A MILLENNIAL IMAGE OF NURSING BEFORE TEENAGERS THROUGH THE INTERNET: IMPACT ON SOCIAL REPRESENTATIONS

ABSTRACT

This study aimed to evaluate if exploring a website on nurses' roles would affect social representations of adolescents on Nursing. This is a survey type exploratory study with a qualitative approach applying Moscovici's Social Representation Theory as a conceptual framework in three phases: Social representation analysis of Nursing by high school seniors; Creation and construction of a website exploring nurses' career venues; Social representation analysis of students after exploring the site. In Phase I, adolescents associate nurses with the doctor's aid and working solely in hospitals. Phase II: 89 nurses were shown through testimonies and photos, divided into seven major working fields on a website called DESCUBRAENFERMAGEM! (www.expertu.com.br/ligia). Phase III: "Now" they associate nurses with the image of a physician, "performing doctor's roles", prescribing and coordinating. Nursing can be an autonomous profession. They associate actions such as coordination, clinical assessment, diagnosis and nursing interventions as attributes of independence and knowledge. They are surprised nurses do consultations and work independently. The communication of a new image of nurses based on real life descriptions of their work through the internet as mediation affected adolescents' social representation.

Keywords: Communication. Internet. Adolescents. Nursing.

DESAFIANDO LA IMAGEN MILENARIA DE ENFERMERÍA FRENTE LOS ADOLESCENTES POR INTERNET: IMPACTO SOBRE SUS REPRESENTACIONES SOCIALES

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo evaluar si la exploración de un sitio web influiría las representaciones sociales de adolescentes sobre la Enfermería. Se trata de un estudio exploratorio cualitativo tipo *Surrey*, utilizando la teoría de las Representaciones Sociales (RS) como marco teórico en tres fases: análisis de las RS por alumnos de la Enseñanza Secundaria; Elaboración y construcción de un sitio web explorando los campos de actuación del enfermero; Análisis de las RS de alumnos después de navegar en el sitio web. En la Fase I, los adolescentes asocian enfermeros con asistentes médicos, teniendo el hospital como único campo de actuación. En la Fase II: 89 enfermeros fueron mostrados en un sitio llamado DESCUBRAENFERMAGEM! (www.expertu.com.br/ligia) a través de fotos y relatos, divididos en siete grandes categorías. En la Fase III, en el momento "Ahora", asocian los enfermeros con la imagen del médico, "desempeñando papel de médico", prescribiendo y coordinando, y la Enfermería asocian con una profesión autónoma. Asocian acciones como la de coordinación, evaluación clínica, diagnóstico e intervenciones de enfermería con atributos de independencia y conocimiento. Se sorprenden al saber que enfermeros hacen consultas y trabajan de forma independiente. La comunicación de una nueva

imagen sobre el enfermero basada en descripciones de su trabajo por Internet como mediación afectó las RS de los adolescentes.

Palabras clave: Comunicación. Internet. Adolescentes. Enfermería.

REFERÊNCIAS

1. Silva AL, Padilha MICS, Borenstein MS. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. *Rev Lat Am Enferm*. 2002;10(4):586-95.
2. Moscovici S. Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes; 2003.
3. Arruda A. Teoria das representações sociais e teorias de gêneros. *Cad Pesq*. 2002;(117):127-47.
4. Jodelet D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: Jodelet D, organizadora. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; 2001. p. 17-44.
5. Buresh B, Gordon S. From silence to voice. *J Nurs Scholar sh*. 2000;32(4):330-2.
6. Coleman-Burns, P. Genesis project: office of multicultural affairs [DVD]. Michigan: University of Michigan; 2007.
7. Foong AL, Rossiter JC, Chan PT. Socio cultural perspectives on the image of nursing: the Hong Kong dimension. *J Adv Nurs*. 1999;29(3):542-8.
8. Kemmer LF, Silva MJP. Nurses' visibility according to the perceptions of the communication professionals. *Rev Lat Am Enferm*. 2007;15(2):191-8.
9. Luchesi LB. Imagem do enfermeiro sob a ótica de alunos do ensino médio: elaboração de instrumento [dissertação]. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 2005.
10. Sampaio MA. Enfermagem, mídia e bioética [dissertação]. Brasília(DF): Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade de Brasília; 2002.
11. Al-Kandari FH, Lew I. Kuwaiti high scholl student's perceptions of nursing as a profession: implications for nursing and practice. *J Nurs Educ*. 2005;44(12):533-40.
12. Castells M. Internet e sociedade em rede. In: Moraes D, organizador. *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record; 2003. p. 255-87.
13. Lefèvre F, Lefèvre AMC. Depoimentos e discursos: uma proposta de análise em pesquisa social. Brasília(DF): LiberLivro; 2005.
14. Kemmer LF, Silva MJP. Como escolher o que não se conhece? Um estudo da imagem do enfermeiro por alunos do ensino médio. *Acta Paul Enferm*. 2007;20(2):125-30.
15. Roberts DW, Vasquez E. Power: an application to the nursing image and advanced practice. *AACN Clin Issues*. 2004;15(2):196-204.
16. Leopardi MT, Santos I, Sena RR. Tendências de enfermagem no Brasil: tecnologias do cuidado e valor da vida. In: *Anais do 51º Congresso Brasileiro de Enfermagem e 10º Congresso Panamericano de Enfermeria*; 1999 out. 2 - 7; Florianópolis. Florianópolis: [s.n.]; 1999. p. 147-72.
17. Pereira WR, Silva GB. A mulher, o trabalho e a enfermagem profissional: algumas reconsiderações sob a ótica do gênero. *Texto & Contexto Enferm*. 1997;6(1):18-32.
18. Hallam J. *Nursing the image, media, culture and professional identity*. London: Routledge; 2000.
19. Tzeng HM. Testing a conceptual model of the image of nursing in Taiwan. *Int J Nurs Stud*. 2006;43(6):755-65.
20. Brodie DA, Andrews GJ, Andrews JP, Thomas GB, Wong J, Rixon L. Perceptions of nursing confirmation, change and the student experience. *Int J Nurs Stud*. 2004;41(7):721-33.

Endereço para correspondência: Lúgia Fahl Fonseca. Rua Takabumi Murata 555, nº12, CEP: 86055-580, Londrina, Paraná.